ENTRE MITO E HISTÓRIA: O SEBASTIANISMO EM *MENSAGEM* DE FERNANDO PESSOA

Between myth and history: Sebastianism in Mensagem by Fernando Pessoa

Fernando de Moraes Gebra*

Dentre os inúmeros textos sebásticos produzidos ao longo do século XX, destaca-se o conjunto de poemas intitulado *Mensagem*, única obra em português que Fernando Pessoa publicou em vida. Em *Mensagem*, Fernando Pessoa não desenvolveu apenas uma visão historicista, relatando fatos históricos da época das cruzadas e das navegações, mas configurou uma formulação simbólica e mitológica que excedeu as coordenadas de tempo e de espaço. O mito não significa nada na dimensão temporal do passado, mas adquire uma simbologia no plano espiritual ou maravilhoso. Essa simbologia pode ser relacionada com o projeto poético de Fernando Pessoa, na busca de uma identidade para a pátria portuguesa, o que se observa em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, escrita em 19 de janeiro de 1915:

Porque a idéia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma consequência de encarar a sério a arte e a vida. (PESSOA, 1999, p. 143).

* Doutorando em Letras na Universidade Federal do Paraná

Pelo fragmento da carta, percebemos que Fernando Pessoa tinha um projeto, uma tarefa a cumprir, que era a de “erguer alto o nome português” através da arte poética. Francisco Iglésias ressalta a tentativa do poeta de buscar uma identidade para a pátria.

Como se vê, em juízos tão ogmáticos e discutíveis, seu nacionalismo não era a exaltação nacional em termos vulgares, de supostos pioneiros ou superioridades, mas a compreensão da pátria como destino, tarefa a cumprir. (1981, p. 285).

Essa “tarefa a cumprir”, de que fala Iglésias, pode ser relacionada às figurações de D. Sebastião em *Mensagem*, pois as mesmas representam as possibilidades de redenção da pátria, como veremos ao longo do artigo, pela análise dos poemas. Dessa forma, o presente trabalho se deterá nas figurações de D. Sebastião em *Mensagem*. Para isso, analisaremos os três avisos, presentes na segunda subdivisão da terceira parte da obra, intitulada “O Encoberto”. Em seguida, passaremos à análise de um poema do “Brasil”, outro do “Mar Português” e dos poemas que constituem os cinco símbolos da primeira parte de “O Encoberto” ligados à figura de D. Sebastião. Finalmente, relacionaremos esses poemas com “Quinto/ Nevoeiro”, da seção “Os Tempos”, no intuito de percebermos de que forma se manifesta o sentido do sebastianismo em *Mensagem*.

O mito do sebastianismo é registrado em diversos discursos e ganha maiores proporções em momentos de crise na História de Portugal. Francisco Iglesias sugere algumas definições para esse mito, tais como: “expressão do malogro nacional, após uma fase de grandeza, a alimentar a esperança de possível recuperação, com apelos irracionais a uma fantasia” (1981, p. 277), ou “esperança de futuro melhor pelo surgimento de algum salvador, que pode ser D. Sebastião ou outro, em encarnações diferentes” (1981, p. 278).

Em Iglésias, encontramos definições claras e precisas desse fenômeno de espera de um Messias que restauraria a grandeza perdida. Em Oliveira Martins, na sua *História de Portugal*, o sebastianismo é relacionado com momentos de crise:

Para nós, o Sebastianismo é uma prova póstuma da nacionalidade. Na hora das agonias derradeiras, os soluços violentos do povo traziam aos lábios a voz íntima, e proferiam de um modo eloquente e altissonante o pensamento natural orgânico. (1951, p. 373).

Antero de Figueiredo, no seu livro *D. Sebastião: rei de Portugal*, ressaltava essa idéia da relação entre os momentos de crise e a esperança messiânica:

O “sebastianismo” é um estado de sentimento saudoso de alguém que puramente viveu e procedeu no ideal de pátria. “O messianismo” é uma disposição de espírito obcecadamente confiante na acção poderosa de um ser eleito que, surgindo, tudo organize e salve. Sempre o “sebastianismo” e o “messianismo” aparecerão nas horas depressivas e desesperadas deste pequenino Portugal ... (1925, p. 442)

O messianismo sebástico apresenta-se de formas diferentes no discurso dos profetas que aparecem na segunda parte do Encoberto, “Os Avisos”. Nessa subdivisão da terceira parte de *Mensagem*, encontramos o discurso de três profetas sebásticos: o sapateiro Bandarra, o padre Antônio Vieira e um profeta inominado.

Primeiro/O Bandarra¹

Sonhava anonymo e disperso,
O Imperio por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo

Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.

Bandarra era um sapateiro da vila de Trancoso que misturava em suas coplas confusas citações da Bíblia, reminiscências da poesia popular tradicional, mitos espanhóis, profecias que andavam de boca em boca, lendas do ciclo arturiano, entre outros discursos (SARAIVA, 1983, p.169). Essa mistura de discursos acaba por resultar um discurso confuso, daí Pessoa dizer que Bandarra era “Confuso como o Universo”. Por ser um homem simples, era “... plebeu como Jesus Cristo”. Na interpretação de Pessoa, Bandarra seria o nome coletivo que designa todo e qualquer profeta sebástico que “Sonhava anônimo e disperso / O Império por Deus mesmo visto”,

¹ Os poemas transcritos no presente artigo obedecem à grafia da época em que foram escritos, seguindo a edição organizada por Maria Aliete Galhoz.

isto é, que pregava a volta de D. Sebastião e a instauração do Quinto Império. O aspecto coletivo da natureza de Bandarra pode ser visto nos seguintes versos de Pessoa: “Este, cujo coração foi / Não português mas Portugal.”

Segundo/Antonio Vieira

O céu strella o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à gloria tem,
Imperador da lingua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
Constellado de fôrma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz e ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Diferente do misticismo da profecia de Bandarra, a de Vieira tinha um sentido intelectual. Para Vieira, o Quinto Império seria o da unidade do mundo, sob o signo do Cristianismo, dirigido por Portugal. Vieira, considerado no poema de Pessoa como o “Imperador da língua portuguesa”, “Foi-nos um céu também”, isto é, revelou o sinal dos desígnios de Deus para Portugal após “... imenso espaço seu de meditar”.

Terceiro

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que Ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a dispertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,

Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

O terceiro profeta que aparece nos Avisos não tem nome. A voz do profeta ausente começa a ganhar corpo após as interrogações feitas sobre a vinda do Encoberto, representando a voz coletiva de um povo. Haquira Osakabe, em seu livro *Fernando Pessoa: resposta à decadência*, analisa a questão do sujeito produtor do discurso em *Mensagem* e formula uma relação entre os poemas “A última nau” e “Terceiro”, à medida que nos dois poemas o sujeito se transmuta pelo processo que ele profetiza, isto é, o “sopro incerto” de que fala o terceiro aviso se transformará no “sol em mim” e por fim à “névoa”, no poema “A última nau”. Osakabe denomina esse processo de identificação virtual, isto é, o sujeito produtor do discurso relaciona sua existência com a volta do rei Dom Sebastião.

Do mesmo modo com que Dom Sebastião se converte na figura e no sacrifício de Cristo, este se converte no símbolo mais denso de uma redenção universal. E o sujeito que se converte de uma só vez nesses símbolos é, ao mesmo tempo, anúncio desse novo tempo e matéria em que este se inscreve e se realiza. Sua obra ou poesia – *o livro que escreve a beira-mágoa* –, dá corpo físico e simbólico a esse processo e guarda, por isso mesmo, a marca da transmutação a que o próprio sujeito se submete (2002, p. 200).

O terceiro aviso, embora sem o nome do profeta no título do poema, apresenta um sujeito que se mostra pelas marcas de primeira pessoa deixadas ao longo do texto. A volta do Encoberto operaria mudanças nesse sujeito, pois do estado de morte passaria ao estado de vida (“Só tu, Senhor, me dás viver”), do estado de vazio, ao de plenitude (“Meus dias vacuos enche e doura”), do estado de apatia e dormência para o de transcendência (E a despertar do mal que existo / A Nova Terra e os Novos Céus?). Dessa forma, como explica Osakabe, é no próprio poema que se realiza a transformação em que o sujeito se converte em corpo físico e simbólico do processo da redenção universal, a qual está diretamente relacionada com as figuras de D. Sebastião em *Mensagem*, enquanto ser histórico e enquanto ser

mitológico, carregado de símbolos que remetem à busca da identidade da pátria portuguesa.

Quinta/D. Sebastião, Rei de Portugal

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver adiado que procria?

Os poemas “Quinta/D. Sebastião, Rei de Portugal” do “Brasão” e “A última nau” de Mar Português apresentam como ponto comum a loucura épica, necessária para a consolidação do Império, mas que foi responsável pela queda do mesmo. No primeiro poema, as palavras “louco” e “loucura” aparecem ambas duas vezes no poema, revelando o enaltecimento da febre interior que impulsiona o homem para grandes realizações e o difere da “besta sadia, / Cadáver adiado que procria”.

XI. A ultima nau

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demora-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges o sol em mim, e a nevoa finda
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.

No segundo poema, estruturado de forma circular, num caminho de ida e volta, é descrita a loucura épica de D. Sebastião enquanto descobridor, já que o rei é descrito a bordo da última nau, última porque representa a queda do Império Português: “Foi-se a última nau, ao sol aziago”. O poema apresenta uma divisão em duas partes: a primeira, relacionada às duas primeiras estrofes, refere-se a Dom Sebastião enquanto ser histórico, enquanto a segunda, nas duas últimas estrofes, propõe o universo do mito da volta do Encoberto.

Na primeira parte que denominamos de momento histórico, encontramos alguns elementos históricos da jornada de África. Como se sabe, Dom Sebastião organizou uma gigantesca empresa para Alcácer Quibir, no intuito de derrotar os mouros e alargar o Império Português: “E, erguendo, com um nome, alto o pendão/do Império”. Oliveira Martins, em seu livro *História de Portugal*, analisa esse momento de loucura épica do rei:

O rei não sossegava um momento: ia do campo a bordo dos navios, pressuroso, indiferente às etiquetas. Tudo aquilo era obra sua, feita contra a opinião de todos. O capricho aguçava-lhe o ardor. (1951, p. 356)

A primeira estrofe do poema “A última nau”, apresenta uma oposição entre a certeza do rei e a incerteza do povo. As figuras que indicam a certeza são “erguendo” e “alto o pendão do Império”, enquanto as que demonstram a incerteza são “sol aziago”, “choros de ancia e de presago” e “Mysterio”. O percurso figurativo da incerteza é maior que o da certeza, o que aponta para a queda do rei na segunda estrofe: “Não voltou mais.” A idéia de certeza que Dom Sebastião tinha no seu intento de conquistador pode ser melhor compreendida se recorrermos novamente a Martins

Finalmente, em 25 do mês de Junho, a armada largou velas. D. Sebastião levava a bordo a coroa imperial de ouro, que havia de pôr na cabeça, depois de entrar em Fez; levava os fardamentos e alabardas para a guarda de honra, na cerimônia de coroação; e o

pregador Fernão da Silva levava, também, o sermão composto e já decorado para a solenidade. (1951, p. 357)

A queda do rei, que aparece no poema de Fernando Pessoa após o contraste entre certeza e incerteza, aponta para um aspecto intermediário entre essas duas oposições: a dúvida. A dúvida da volta de D. Sebastião é marcada por dois questionamentos: “A que ilha indescoberta / Aportou?” e “Voltará da sorte incerta / Que teve?”. Esses questionamentos parecem obter uma resposta que aponta para um regresso, quando se recorre à visão providencialista da História, isto é, Deus determina os acontecimentos, como vemos nos seguintes versos: “Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro” e “Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro. / E breve.”

Apesar da morte física, D. Sebastião passa pelo estágio da ressurreição, representada por “corpo e forma do futuro”. Esse regresso, já preconizado na segunda estrofe do poema, apresenta-se novamente revestido de certeza na terceira estrofe, em que o eu-lírico se manifesta como agente preconizador do regresso: “minha alma atlantica se exalta / E entorna,” “E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço”, “Vejo entre a cerração teu vulto baço / Que torna”. O eu-lírico, ausente de suas marcas nas duas primeiras estrofes, aparece aqui de forma explícita, como vemos pelos pronomes “minhas”, “mim” e pelo verbo ver na primeira pessoa do singular: “vejo”.

O momento da revelação da volta de D. Sebastião é preconizado pelas vozes presentes em *Mensagem* e aqui encontra lugar nos seguintes versos: “Não sei a hora, mas sei que há a hora” e “Surges ao sol em mim, e a névoa finda: / A mesma, e trazes o pendão ainda / Do Império”. Nesses versos, encontramos referências explícitas ao sebastianismo. A repetição da palavra “hora”, que aparece também no poema “Nevoeiro”, representaria o estágio de revelação, em que a volta do rei possibilitaria o fim do estado de nevoeiro, isto é, a decadência e apatia do Império português após a derrota em África, e revelaria um estado iluminado, símbolo do Quinto Império, com a volta desse rei, que traria o pendão do Império, restaurando, assim, as glórias da Pátria.

Em estreita ligação com a subdivisão intitulada “Os Tempos”, “Os símbolos” são constituídos de cinco poemas. Tanto “Os símbolos” como “Os tempos” buscam o equilíbrio e restauração da Pátria com a vinda do rei-salvador, D. Sebastião, visto em processo gradativo e ascensional como homem transformado em mito no poema “Primeiro / D. Sebastião”, como o Messias prometido e esperado no poema “Terceiro / O desejado” e como sonho, crença ou fé no poema “Quinto / O Encoberto”.

Primeiro / D. Sebastião

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

O poema “Primeiro / D. Sebastião”, estruturado em primeira pessoa, retoma o mito sebástico e o regresso do rei enquanto Dom e Graça. O rei se encontra guardado por Deus (“Se com Deus me guardei?”), no estágio embrionário para nascer de novo, nascer enquanto Dom e Graça e não enquanto matéria.

Lembremos dos últimos versos da Quinta quina, dedicada a D. Sebastião, em que o rei enuncia “Por isso onde o areal está / Ficou meu ser que houve, não o que há”. Estes versos, em estreita relação com os primeiros versos do poema “D. Sebastião” (Sperai! Caí no areal e na hora adversa”), remetem à morte mística do rei e sua cisão em dois: o homem que ficou sepultado no areal, nas terras africanas, o passado morto, e o motivo que impulsiona a loucura épica através dos tempos e espaços de Portugal.

O poema pode ser dividido em dois percursos figurativos: o histórico e o mitológico. O histórico refere-se à derrota sofrida por D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir: “Cahi no areal e na hora adversa”, enquanto o mitológico sugere o regresso do rei: “É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei.” O percurso figurativo do histórico pode ser assim representado: “areal” (duas recorrências), “hora adversa”, “morte”, “desventura”. Já o percurso figurativo do mitológico pode ser visto nas seguintes figuras: “sonhos”, “gardei”, “sonhei”, “eterno dura”, “regressarei”.

Nesse primeiro poema dos “Símbolos”, a figura “intervalo” remete ao tempo necessário para o regresso da potencialidade da raça portuguesa, ou seja, o estágio de ressurreição, representado pelos últimos versos do poema: “É o que eu me sonhei que eterno dura, / É esse que regressarei.”. Assim, a volta do rei se dá em relação ao rei enquanto mito, o mito da loucura épica.

Terceiro / O Desejado

Onde quer, que entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,

E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue o teu gladio ungido,
Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revela o Santo Gral!

O poema “Terceiro / O Desejado” é estruturado em três quadras e, em maneira de prece, o eu-lírico suplica o retorno de D. Sebastião como Messias e redentor da pátria. Aqui, de mito, o rei passa a ser o Messias que possui três missões, a de erguer-se a si mesmo para o cumprimento da nova missão (“E ergue-te do fundo de não-seres/ Para teu novo fado!”), a de erguer o seu povo do pecado e conduzi-lo a Deus (“Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,”) e a de conduzir o povo à fonte da graça de Deus (“Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido, /.../ Que sua Luz ao mundo dividido / Revele o Santo Gral”). A idéia do Quinto Império está presente neste poema, uma vez que o “novo fado” de D. Sebastião é o de conduzir Portugal a este grau de grandeza imperial.

Para que se compreenda a imagem de D. Sebastião criada neste poema, é preciso atentarmos para a figura de Galaaz, personagem da *Demanda do Santo Graal* com quem o rei é identificado. Nesse texto, o Graal é a taça que foi usada na Santa Ceia para recolher o sangue de Cristo e foi conservada por José de Arimatéia e transportada para a Grã-Bretanha. Somente o cavaleiro que tivesse o grau máximo de pureza poderia encontrar o Santo Graal e permitir a redenção do reino arturiano. Galaaz, filho de Lancelot com a rainha Ginevra, seria, então, o homem mais puro e mais digno de encontrar o Graal. Em que medida o ideal de pureza estaria relacionado com a figura de Galaaz?

Jean-Louis Backes, no verbete “O Graal”, do *Dicionário de mitos literários*, afirma que Galaaz é uma personagem alheia à sociedade organizada. “Galaad é mais solitário, mais arisco ainda que seu pai Lancelot, pois ignora a cortesia e sua fina flor: o amor” (1997, p. 425). Ao chamar D. Sebastião de Galaaz, o enunciador do poema “Terceiro / O desejado”, pelo processo de comparação, estaria enfatizando alguns elementos históricos do rei português. Nesse caso, a castidade de Galaaz, requisito necessário para se atingir a pureza e ser merecedor do Graal, é comparada à castidade

de D. Sebastião, a qual é ressaltada em muitos textos históricos e ficcionais sobre o rei português.

Quinto / O Encoberto

Que symbolo fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino.
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

No poema acima transcrito, a carga simbólica de D. Sebastião alcança uma dimensão mais ampla. De mito no primeiro poema e de Messias no terceiro poema da seção “Os Símbolos”, aqui ele é comparado ao próprio Cristo. Tal comparação se dá por meio de um raciocínio silogístico, em que a vida é comparada à rosa na primeira estrofe, a rosa é comparada a Cristo na segunda, e finalmente, a rosa é comparada ao Encoberto na terceira. Assim, se rosa simboliza, ao mesmo tempo, Cristo e D. Sebastião, ambas as personagens citadas podem ser comparadas pois, assim como Cristo, D. Sebastião há de ressuscitar e atingir o estágio de revelação, presente no poema analisado anteriormente: “Que sua Luz ao mundo dividido / Revele o Santo Gral”.

Como Fernando Pessoa conhecia muitos dos Mistérios da Ordem Rosacruz, não é de estranhar que tenha usado a simbologia da rosa e da cruz neste poema. Na doutrina rosacruziana, a cruz representa os fardos do corpo humano, enquanto a rosa representa a alma em evolução. Ao dizer “Na Cruz morta e fatal, / A Rosa do Encoberto”, o eu lírico novamente retoma a questão da cisão de D. Sebastião: seu corpo está morto, mas sua alma trará o “Santo Gral”, símbolo da redenção do Império, a qual precisará ser merecida, tal como o Graal.

O corpo morto do rei D. Sebastião, referido no poema “O Encoberto”, reaparece transfigurado na terceira seção de “O Encoberto”. É transfigurado no nevoeiro, que dá título a um poema homônimo e que apresenta relação com o “Quinto/ O Encoberto”. Existe, pois, uma aproximação de

“Quinto/Nevoeiro” com “Quinto/ O Encoberto”, à medida que do meio do nevoeiro, irromperá a figura do Encoberto para a redenção da Pátria.

Quinto/ Nevoeiro

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro
Tudo é disperso, nada é inteiro,
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

Valete, Fratres.

“Nevoeiro” representa o destino indeterminado e impreciso de Portugal, à medida que traz na sua construção poética traços negativos como “fulgor baço da terra”, “Portugal a entristecer”, “brilho sem luz e sem arder”. Além disso, demonstra nas repetições do advérbio de negação “nem” o estado de apatia de Portugal: “Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,”. Esse estado de apatia é reforçado pelo advérbio de negação “ninguém” na segunda estrofe: “Ninguém sabe que coisa quer. / Ninguém conhece que alma tem,” e novamente pelo advérbio “nem” no terceiro verso: “Nem o que é mal nem o que é bem.” Almada Negreiros, em seu artigo “Modernismo”, de 1926, já havia apontado esse estado de apatia de que fala do poema de Fernando Pessoa:

Portugal não está no passado porque os Portugueses, só os há hoje aqui no século XX e também não está no presente porque, apesar de já estarmos no século XX, a idéia da nação ficou realmente lá onde acabou a segunda dinastia. Aqui no século XX os Portugueses não fazem a mínima idéia do que seja uma nação, um conjunto nacional, um pensamento comum, uma vontade unânime, nada, absolutamente nada que seja forçosamente colectivo (1997, p. 737)

O poema “Nevoeiro” descreve um Portugal que não reconhece sua identidade (“Ninguém sabe que coisa quer”), que está indiferente e apático (“Ninguém conhece que alma tem,”) e que não sabe mais discernir (“Nem o que é mal nem o que é bem”). Esse traço de ausência de uma identidade é representado nos três últimos versos da segunda estrofe: “Tudo é incerto e derradeiro/ Tudo é disperso, nada é inteiro. / Ò Portugal, hoje és nevoeiro...”. Essa tonalidade melancólica, que pode ser relacionada com o estágio de morte mística descrito por Gertrude Spencer, é o tom de quase todo o poema. No entanto, o nevoeiro que intensifica o indeterminado e impreciso apresenta na sua nebulosidade uma esperança, que se encontra no poema dentro de um parênteses: “(Que ânsia distante perto chora?)”. Essa ânsia que chora representaria a preparação para o estágio de ressurreição da Pátria, que pode ser entrevisto na terceira estrofe, no verso isolado: “É a Hora!”.

Mas o que significaria esse nevoeiro e esse grito “É a Hora!” na configuração simbólica de *Mensagem*? Alfredo Bosi, no capítulo “Vieira e o reino deste mundo”, de seu livro *Literatura e resistência*, caracteriza *Mensagem* como uma obra que representa a formação da utopia, isto é, um desejo de um tempo de justiça que se revelará a toda a humanidade, a qual terá um dia a consciência da sua condição fraterna. Para Bosi:

Por enquanto só vemos brumas, imagem tão cara ao mito sebastianista. Mas essa névoa ainda não dissipada, essa antemanhã grávida de expectativas, é o obstáculo necessário, a matéria-prima densa de experiência sofrida, a prova dos nove de que a utopia não é capricho ou veleidade, mas lança raízes em algum lugar visível sobre a face deste nosso mundo terrenal. (2002, p. 86)

O sentido da utopia em *Mensagem* não se apresenta na espera passiva de um Messias, do rei D. Sebastião, mas no olhar para o passado de glória de que se ocupa a obra nas duas primeiras partes “Brasão” e “Mar Português” que possibilitaria uma nova febre de querer ir mais além. Essa febre de além, concentrada em “Nevoeiro” no vocativo “É a Hora!”, na imagem de um Portugal apático e sem consciência da sua própria identidade, pode ser percebida no discurso de Antero de Figueiredo, em seu livro *D. Sebastião. Rei de Portugal*:

Cautela, portugueses de hoje! Não vos deixeis acabrunhar por excessos de saudade doente (...) Pelo contrário, oh filho de Portugal! Afasta para longe tais dolências, e aprende a retemperar-te na amargura e a confiar em ti. (...) Lê a tua história, edifica-te, impõe-

te o dever de criar nova história bela. Das almas antigas portuguesas tomarás o que nelas houve de grande em sua fé, ideal, franqueza, lealdade, denodo e garbo; das modernas, a ambição atizada, mas juta, o desembaraço febril, mas honrado. Faze de ti a síntese do Passado e do Futuro. (1925, p. 442)

O sebastianismo de *Mensagem* se configura numa releitura da História de Portugal, nas grandezas alcançadas, para a reedificação da Pátria. Apesar de serem freqüentes as recorrências da espera de um Salvador, *Mensagem* não propõe uma espera resignada. Esse salvador deveria surgir para erguer o povo do marasmo em que se encontra, como vimos na leitura do poema “Terceiro / O Desejado”, em que o verbo “erguer” aparece três vezes representando o “novo fado”, a “Eucharistia Nova” e o “Santo Gral”, símbolos de um cumprimento de uma nova missão: erguer o povo do marasmo e conduzi-lo a seu destino divino, representado pela edificação de um Quinto Império, um Império universal de justiça e fraternidade. É essa a mensagem ao Portugal do nevoeiro: a revelação de que do abismo e das sombras é que a luz poderá surgir, que o hoje nevoento dará origem à Hora sagrada e profetizada nos “Avisos” do poema, a hora da redenção.

Como pudemos perceber com a análise de alguns dos poemas de *Mensagem*, Fernando Pessoa, ao se utilizar do discurso histórico e do discurso mítico, revela a atemporalidade da concretização do sonho da Pátria, que embora não concretizado, situa-se no regresso de D. Sebastião do areal africano para reerguer a alma do povo, que numa atitude de descrença, de fragmentação e de incerteza, parece também cair no areal do esquecimento.

Numa leitura psicanalítica de Portugal, protagonista de *Mensagem*, o escritor Eduardo Lourenço aponta que “Descontentes com o presente, mortos como existência nacional imediata, nós começamos a sonhar simultaneamente com o passado e o futuro” (1982, p. 25). Dessa forma, como vimos nos poemas referentes a Dom Sebastião, fica clara a cisão entre o ser histórico, representação do passado português de grandezas heróicas e que ficou morto no areal africano, e o ser mítico, figuração do futuro de Portugal, incerto como um nevoeiro, um momento em que poderá surgir a hora da redenção da Pátria Portuguesa.

A hipógrafe do livro: “Valete, Fratres!”, traduzida como “Saúde, Irmãos”, é bem significativa no teor do sentido do sebastianismo de *Mensagem*, isto é, o sentido da utopia, a qual se apresenta sob um olhar para o passado de glória que possibilitaria uma nova febre de querer ir mais além, a um plano não mais terreno, porém, de sentido espiritual. A hipógrafe seria, dessa forma, um brado através do qual o poeta faz votos para que o povo entenda os dons divinos como possíveis de serem convertidos em meio de salvação da época estagnada em que se encontra Portugal. Portugal, em

estado de nevoeiro, de indefinição, recebe um brado de esperança no último poema de *Mensagem*, ou seja, “É a Hora!”, a hora em que a Pátria despertará da dormência, pois tem em seu arcabouço histórico, mítico e esotérico, todas as potencialidades criadoras do Quinto Império, tema constante da Literatura Portuguesa, central para a discussão de questões relativas à identidade cultural.

RESUMO

O presente trabalho busca discutir o sebastianismo em *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Para isso, são analisados poemas que contêm referências explícitas a D. Sebastião e aos profetas que proclamaram a instauração do Quinto Império. Damos maior ênfase ao poema “Nevoeiro”, em que o sebastianismo é redefinido.

Palavras-chave: *sebastianismo; Fernando Pessoa; Mensagem*.

ABSTRACT

The present article intends to show the sebastianism in *Mensagem*, by Fernando Pessoa. The poems to be analysed contain many references to D. Sebastião and the prophets who proclaimed his arrival and the idea of the Fifth Empire. We give emphasis to the poem “Nevoeiro”, in which the sebastianism is redefined.

Key-words: *sebastianism; Fernando Pessoa; Mensagem*.

REFERÊNCIAS

- BACKES, Jean-Louis. O Graal. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p.421-9.
- BOSI, Alfredo. Vieira e o reino deste mundo. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FIGUEIREDO, Antero de. *D. Sebastião, rei de Portugal (1554-1578)*. 6. ed. Lisboa: Bertrand, 1925.
- IGLÉSIAS, Francisco. Pensamento político de Fernando Pessoa. In: _____. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p.235-99.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2. ed. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1982.

NEGREIROS, Almada. Modernismo. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.p.734-45.

OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães, 1951.

OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. Curitiba: Edições Criar, 2002.

PESSOA, Fernando. *Correspondência: 1905 – 1922*; organização Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Cia. Letras, 1999. p.143.

_____. *Obra poética*. 17. reimp. da 3. ed. (Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 69-89.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Mem Martins: Europa-América, 1983. p.161-72.